

# APRESENTAÇÃO

**O presente número da RES (1-2022) reflete o presente, mas não só por trazer fotos e reflexões sobre a pandemia de Covid: mesmo no nível especulativo, tenta repensar o que está se passando na História atual, marcada pela Guerra da Ucrânia e por um realinhamento das forças políticas mundiais, passando-se da hegemonia americana total para uma pluralização dos polos de influência. Não se faz aqui política partidária, mas também não se pretende consagrar uma postura alienada, indiferente à responsabilidade que o ensino público tem com a sociedade que o sustenta. Pelo contrário, a situação tem se agravado tanto que a Revista precisa se perguntar se este não vai ser o seu último número. Tomara que não, mas isso não depende de duas ou três pessoas apenas.**

Este número se divide em quatro blocos: 1) teórico, que reúne ao todo quatro artigos; 2) depoimento propositivo, com duas contribuições; 3) sobre a pandemia, com três colaborações; 4) análise de aspectos da cidade de Goiânia. Segue-se assim o princípio de começar do mais abrangente para ir afinando e concentrando no particular, mas tomando o cuidado de preservar no teórico a concretude das obras que nele são pensadas, bem como de manter a teoria nas partes analíticas. Tanto o teórico está presente no analítico quanto obras individuais são referências para a reflexão abstrata.

A Revista entra em seu décimo segundo ano de existência. Sempre conseguiu preservar um bom nível de qualidade e, ao mesmo tempo, uma diversidade de perspectivas e de temas. Tem havido um acolhimento internacional aos artigos, com milhares de leituras em todos os continentes. Seria bom se o esforço feito pudesse ser preservado e tivesse continuidade.

A Revista já teve de testemunhar a morte de sua edição impressa, por falta de apoio da nova direção da Faculdade de Arquitetura. Restrita ao âmbito digital, é como um fantasma a percorrer espaços virtuais: restrita ao que parece incorpóreo, tem atravessado

muros e paredes, não só como testemunha de existências pretéritas, mas como proposição de espaços interdisciplinares de reflexão, para a assombração do quadrado e enquadrado. Fica difícil, no entanto, sobreviver como fantasma de si mesmo. A Revista sofre com certa apatia e acomodação que perpassa nos quadros acadêmicos e que reflete uma tendência geral de regressão e pessimismo.

A Revista tem sido um bastião de defesa da livre reflexão. Até o próximo número, se houver, o país deverá ter definido o seu futuro, o caminho que pretende trilhar: concentração dos privilégios oligárquicos autoritários ou consolidação dos direitos da cidadania e do espírito republicano. Uma revista sozinha não faz um verão. Ela não é uma oposição eficaz a um status quo nem é socialmente relevante para consolidar a democratização. De um modo ou de outro, não faz uma diferença essencial. Mesmo que quisesse ser uma negação, teria de aprender a negar a sua negação para não renegar a razão crítica.

A batalha parece perdida antes mesmo de começada. Por uma dúzia de anos, lutou-se, com as poucas forças disponíveis. Se elas ainda mais escasseiam, não se pode propor continuar a luta. Todos aí perdem. É mais fácil a regressão do que o esforço analítico. O combate mais incisivo e decisivo não foi sequer travado. O que se fez foram pequenos exercícios, em que se combatiam espectros que estavam em nós mesmos.

Resta agora o caminho das sombras. Talvez só possam nelas sobreviver os que se mostraram prontos para a batalha mais decisiva. Não soubemos ainda definir o espectro dos inimigos, dos que nos querem mortos. Ele estava em nós, naquilo que nos retinha, nos impedia de pensar adiante, enfrentar o mais decisivo. É tão mais fácil recuar, se esconder no mato, deixar a batalha passar ao largo.

Estava em nós o que parecia ter-nos alimentado, mas que acaba por nos devorar. Na antropofagia do divino, somos devorados por aquilo que parecemos

absorver. Pensamos que pensamos, mas há uma estrutura que nos faz pensar o que pensamos e que pensa por nós: apenas fingimos que pensamos. Balbuciamos como um bebê que ainda não aprendeu a falar. Não se trata, porém, apenas de uma estrutura metafísica que nos prende, uma duplicação e divisão de mundo imposta pelo cristianismo. Há uma estrutura política e militar de dominação mundial, que se torna totalitária no âmbito da veiculação midiática.

Se sorrirmos ou se chorarmos, o que poderia fazer diferença seria termos uma ama ou mãe que nos amasse, que nos estendesse a mão. Nós nos descobrimos órfãos: filhos de um passado ingrato e jogados para um futuro espinhoso. E, no meio, um presente pouco róseo. No entanto lutamos mal rompe a manhã. Sem boa elaboração não há sequer tragédia e sim apenas desgraça e olvido.

Se vamos sobreviver como fantasmas sobrevivem – sozinhos por corredores vazios, nas trevas da noite e meia –, buscamos o direito de existir como se sentido houvesse nisso que fazemos. O nada quer ser nossa essência. Se conseguisse, não poderíamos morrer porque já estaríamos mortos e, para o desprazer dos que não nos querem, seríamos imortais. Já nascemos velhos, mas não nos tornamos mais novos ao crescer.

Há uma regressão mental em curso, que aumenta com uma profunda degradação moral, em que delitos e crimes são cometidos sem que ocorram punições aos culpados. Inventam-se culpas para os adversários, enquanto as sujeiras dos aliados são varridas para debaixo do tapete. Quando alguma coisa é contada, não tem consequências, é tornada irrelevante por outra notícia qualquer.

A razão crítica tende a resignar, porque percebe sua própria impotência. Alguns procuram sendeiros alternativos, mas acabam participando do sistema ao atender a uma fração do mercado. A negação da negação não é confortável e precisa ser superada. Por que? Porque somos manipulados por uma metafísica salvacionista, que nos foi inculcada desde peque-

nos. A maioria vê a salvação no céu, depois da morte; a minoria, na terra, enquanto houver vida. Atitudes que parecem opostas, mas são complementares.

Tentar decifrar narrativas fictícias propagadas como notícias não salva ninguém quando ninguém quer ser salvo, já que a maioria crê estar do lado dos salvos ao endossar o que finge ter pé e cabeça, mas não tem tronco nenhum. A razão crítica não muda a prática dominante: demanda séculos de ação incessante, sem garantia de chegar a um patamar mais esclarecido. Penosos são os percursos da dissidência ideativa. Seus mártires não serão santificados nem terão altares de celebração.

O que prepondera na população é a postura do “me engana que eu gosto”. É mais fácil aderir ao que tem a força das instituições e o poderio passivo das multidões. A razão, acuada num canto, não ousa erguer críticas, mais ainda se sabe que a razão dita crítica tem servido tantas vezes para camuflar dogmas que não eram racionais nem críticos. Finge-se criticar a torto e direito para não tocar no que realmente deveria ser criticado.

A manipulação das massas é tão antiga quanto a existência de massas e de poderosos que as dominavam. A vestimenta de um rei, a crença num deus, o cerimonial da corte, o desfile de um exército, incenso e cânticos em rituais são apenas amostras de uma tradição longa e descontínua. A estetização do poder – e com ela a arte – sempre serviu para auratizar e legitimar quem dominava: para dar mais poder a quem já tinha poder. Aqui se tem, portanto, uma estética que desconfia do que fazem a arte e a hermenêutica dominante. Os signos que se colam às coisas como se fossem coisas se tornam ideologia: a falta de distância crítica entre o que se diz e a coisa sobre a qual se diz.

Aline Zim  
Carolina Borges  
Erinaldo Sales  
Flávio R. Kothe